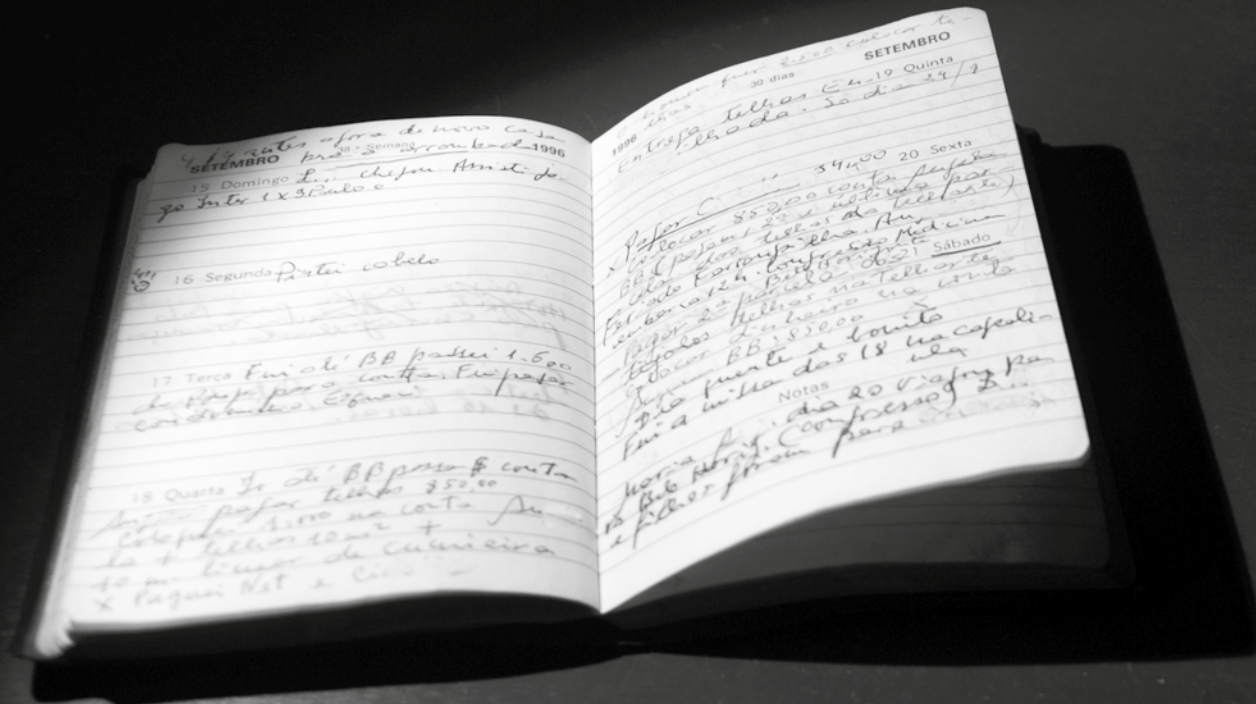


Airton Cattani



Um ano da vida de uma Mulher Que Eu Não Sei o Nome

Micro-história a partir de um diário mínimo

Plantão dia 11/3
 MARÇO 11.ª Semana 1996

10 Domingo Hoje faz dez dias que
 não vejo Augusta e filhos. Só fa-
 lamos pelo telefone.
 Privilégio Celita

11 Segunda Remeter Solange 1.000 de
 poupança 113/96 111,54
 Fone Tumbador compramos aparelho e
 ponto Loureiro Solene 484,98 em 3 x 161,67
 Pomei com juros 43,00 10/04
 Vou lá para Augusta (plantões)
 12 Terça Paguei telefone > 12,00
 Vico veio conta LC cheque 9415 (±)
 Retirar 600,00 x Est. de m/s
 Buscar cartão 15 dias "

* Remeti Sônia Agência Botafogo 0287-9
 conta 250,00 pagam. avalador

13 Quarta Remeti Augusta 187,00 161,64 + 25x
 Outen fiz compras Casa Carvalho
 1 entrada p.i.x
 LC e Augusta juntaram bolsa
 chover de Gardasilha

Como ocorre com frequência, esta pesquisa também surgiu por acaso.

Carlo Ginzburg

O queijo e os vermes. p. 11

Mas é vital fazer perguntas para as quais não há respostas, do contrário poderíamos ser tentados a descartar 60 mil dos 70 mil anos de história humana com a desculpa de que “as pessoas que viveram naquela época não fizeram nada de importante”.

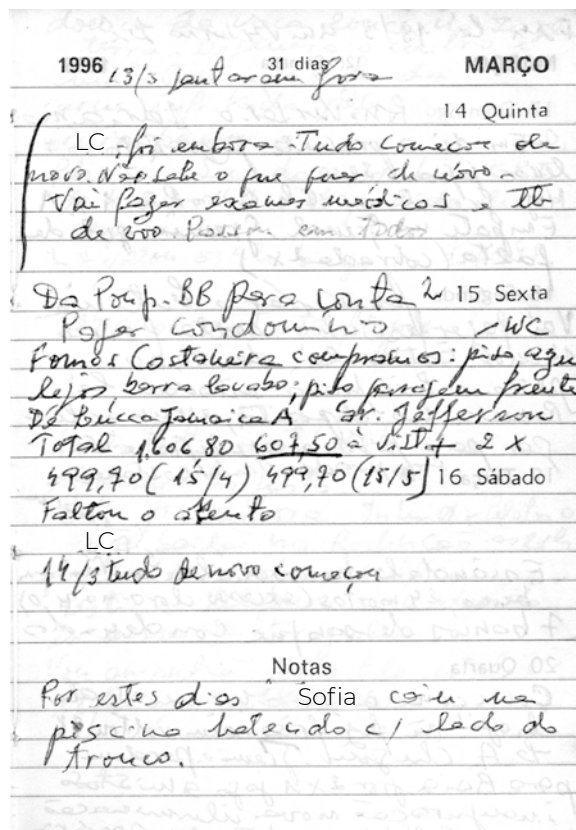
Yuval Noah Harari

Sapiens. Uma breve história da humanidade. p. 94

A micro-história não isola o fato observado do contexto geral, mas busca, em um exame rigoroso de um caso singular, as perguntas fundamentais que permitam uma reconstrução da realidade sempre parcial, mas não por isso livre de um fragmento importante de verdade.

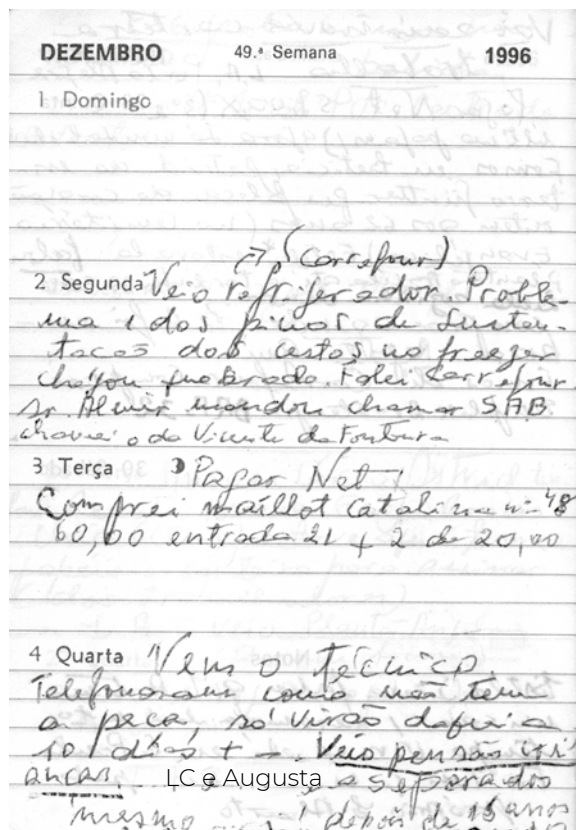
Giovanni Levi

30 anos depois: repensando a Micro-história. p. 26



Sumário

Prefácio	11
Primeira parte	
Como uma agenda apareceu na minha vida	17
O que fazer com ela?	22
O que eu fiz com ela	25
Como trabalhei com ela	29
Concluindo para começar	32
A agenda	33
O ano de 1996	35
Quem seria esta mulher?	36
Local de nascimento e idade	43
Relações de parentesco e amizade	45
Relações interpessoais	48
Hábitos	51
Maria Augusta	55
Luís Carlos	61
A separação	69
Os netos	73
Emoções	75
Moradia	79
A casa de Cachoeira do Sul	82
Locomoção	87
Trabalho	88
Condições financeiras	90
Saúde	94
Bancos	98
Esportes	101
Tecnologias	102
Religiosidade	106
Frases de efeito	107
O que ela não disse	109
Finalizando	110
Segunda parte	
A agenda da Mulher Que Eu Não Sei o Nome	119



Prefácio

“É como se estivesse criando a lista telefônica de Manhattan, 4 milhões de entradas precisas, mas elas sonham? Elas choram de noite? Quais suas esperanças? Como são suas famílias? Nunca o saberás a partir da lista telefônica”, é a reflexão que o cineasta Werner Herzog dirige ao jovem arqueólogo Julien Monney, diante do mistério das imagens paleolíticas encontradas em 1994 na gruta de Chauvet, no vale do Ródano, França. Monney responde que “definitivamente não, nunca saberemos, porque o passado está perdido. Nunca reconstruiremos o passado. Só podemos criar uma representação a partir do que atualmente existe”. Pouco antes, nesse documentário obra-prima (*The cave of the forgotten dreams*, Werner Herzog, 2011), o jovem arqueólogo afirma que “O objetivo principal é criar uma história, a história do que poderia ter ocorrido naquela gruta, no passado”.

Essa concepção de arqueologia e história rompe o fetiche do artefato consagrado como bem cultural, obra relevante ou exemplar de um tipo, e faz dele indício de algo que o ultrapassa, os estilos de vida,

concepções, ideologias, afetos, tudo aquilo que interessa à antropologia, eventualmente à poesia e sempre à curiosidade de leitoras e leitores: imaginar um mundo de possibilidades a partir dos vestígios de um processo ocorrido em um pretérito denso, prenhe, latente, e por isso mesmo tocante para nós, leitores atuais de um tempo que já se foi. Foi-se mesmo? Ou o tempo perdido retorna depurado em formas do conhecimento e da imaginação, mesmo após milênios, séculos ou décadas, seja saindo de grutas, covas, rabiscos ou de uma caçamba de entulho?

Alguém, naquele tempo pretérito, poderia pensar-nos como futuro, mas não teria de nossos atos e sonhos nenhum vestígio, apenas conseguiria empregar os poderes da imaginação e alguns poucos instrumentos projetivos, predominantemente ficcionais. Eis o que nos une, então, e cria um fluxo histórico: o passado recriado com a imaginação pela mente de uma era póstera que para o passado só existiria como imaginação, o imaginado imaginante. A imaginação e o exame do passado como latência estendem essa pulsação de possibilidades para o presente e o futuro e trama entre ambos as perguntas poéticas: o que poderia ter acontecido, o que poderá acontecer?

Em célebre passagem da *Poética*, Aristóteles pontifica que a diferença entre história e poesia não está na forma, se em prosa ou em versos, pois se Heródoto fosse versificado não deixaria de ser história. Para o estagirita, a diferença é que a história atém-se ao particular, àquilo que aconteceu (τὰ γενόμενα — *tà genómēna*, no modo indicativo), ao passo que a poesia visa ao universal, o que poderia ter acontecido (οἷα ἂν γένοιτο — *hoia an génoito*, no modo optativo), e por essa razão seria mais filosófica que a história (*Poética*, 1451b). Não somos obrigados a aceitar o postulado do mestre do Liceu. Antes, podemos entender sua pretensão normativa como convite a uma refutação e a uma mutação da ideia de história, em que esta pode ser elevada a plano superior — em que é também poética e filosófica — e pensa o tempo, o passado e o presente sem desdenhar que ontem, como hoje e no futuro, nos movemos em um universo de possibilidades históricas, e fazemos o que é possível

para identificar essas possibilidades e as realizarmos, no caminho de narrativas sobre o mundo em que vivemos ou na senda de ações, opções e destinos, nos vários mundos que realizamos em vida.

Eis, então, diante de nossas retinas um experimento precioso elaborado no coração de possibilidades densas inauguradas pelo acaso de um achado, quando Airton Cattani encontrou no lixo (tesouro dos arqueólogos!) uma agenda pessoal do ano de 1996, e desencadeou uma enquête histórica vigorosa cujo resultado é esse tocante e inteligente livro, *Um ano da vida de uma Mulher Que Eu Não Sei o Nome*. Airton Cattani empregou aqui metodologias muito apuradas, aptas a circunstanciar com rigor, prudência e apurado zelo a aventura hermenêutica a que se decidiu: manusear, ler, examinar e interpretar o diário de uma mulher desconhecida, que poderia ser um nome da lista telefônica de Porto Alegre, no tempo em que ainda existia esse tipo de literatura. Doravante esta mulher tornou-se a titular de uma reserva de memórias, ao mesmo tempo pessoais e sociais, sintomas de um universo cheio de possibilidades, sonhos, esperanças, família, economia, sociedade, os mundos em que então vivemos cada um de nós, cerca de um milhão e meio de habitantes dessa cidade. Do micro ao macro, do macro ao micro, em um fluxo que o autor bem refere na micro-história de Carlo Ginzburg, mas que aqui se realiza com a fluência e a naturalidade próprias de uma mente madura, arguta e sofisticada, de um arquiteto/designer — também historiador e literato —, enlevado pelo universo de possibilidades que aquela arqueologia urbana lhe ofereceu, realizadas com esmero para deleite seu, cara e caro leitor e leitora, nas lindas páginas que ora se apresentam. O livro cujo nome sabemos e cujo adjetivo apomos com encanto: fascinante!

Francisco Marshall

Historiador, arqueólogo e filósofo

Falei seu Celso da 15/10

OUTUBRO 43.ª Semana 1996

20 Domingo Voltei à 9h da tarde
Augusta. Esfuei a la as chaves
(do opto do) LC ã veio (frizado)

→ frio 17°

21 Segunda Pagar Cidinha 34,00 X.
→ Coloquei 500,00 para Augusta. Real^{opto}
Retirei 600 Brad. Comprei pintura
Cobels Americanos 2 (8,13) 2 cor (7,13) 9,90 un.
3 compr. meias 2,50 2 leite de crema 2,60
Total compra 58,10. → veio (frizado)

22 Terça chuva e frio (15°)
Fui buscar televisao pequena que
usava de conserto. → 78,00
Choveu todo o dia.

LC, veio às 18h e 5 voltou

23 Quarta Pagar NET 59,10 X EF 10 de
Rosa chegou LC ã estava num veio para
almoço. Até as 17h. LC também
voltado. Voltou às 18h dormiu
Retirei 500 XEF e 600 XEST
Aug. assimou outra preparação para o

Como uma agenda apareceu na minha vida

Há alguns anos, ao passear com seus cachorros nas proximidades de nossa casa no bairro Petrópolis, em Porto Alegre/RS, minha esposa Ana notou em uma caçamba de entulho junto a uma calçada algo que lhe chamou a atenção: junto com a usual calça de uma reforma que estava sendo feita nas vizinhanças, havia outros objetos, como móveis quebrados, eletrodomésticos avariados e caixas de papelão, uma das quais com livros velhos muito danificados e na qual se destacava uma pequena caderneta de bolso de 8 x 11 cm, com a data 1996 estampada na capa de plástico verde escuro. Intrigada pelo fato de alguém jogar fora algo assim depois de mais de 20 anos, pegou-a por curiosidade. Logo percebeu que estava preenchida. Chegando em casa, me entregou o que constatamos ser uma agenda pessoal de bolso, com praticamente todas as páginas preenchidas com anotações em letra miúda. Mal sabíamos que um fragmento de um universo pessoal estava em nossas mãos e que, quase 25 anos depois das anotações terem sido registradas, me conduziram a uma jornada peculiar na tentativa de desvendar aspectos da história de uma pessoa desconhecida.